



VITOR
MARTINS

QUINZE DIAS

SECRET
SOCIETY

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Bullying

Discriminação
e preconceito

Gordofobia

Homofobia

Insultos

Violência psicológica
e emocional

Para toda a gente que já entrou na piscina de t-shirt.



ANTES

Eu sou gordo.

Não sou «gordinho», «cheinho» nem «fofinho». Sou pesado, ocupo espaço e as pessoas olham-me de esguelha na rua. Sei que existem pessoas no mundo com problemas muito maiores que os meus, mas não costumo pensar no sofrimento dos outros quando estou a viver o meu próprio sofrimento na escola. O secundário tem sido o meu inferno particular nos últimos dois anos e meio.

Às vezes, tenho a impressão de que a lista de alcunhas para gente gorda é infinita. Claro que isso não quer dizer que a lista seja *criativa*, mas fico impressionado com a quantidade de nomes que a malta da escola consegue inventar, quando seria muito mais fácil chamarem-me apenas Felipe.

Desde que parti uma cadeira, no início do ano, na aula de Geografia, as pessoas cantam *Wrecking Ball* baixinho quando passo no corredor. Duas semanas depois, outro aluno da minha turma também partiu uma cadeira. Ninguém lhe canta Miley Cyrus. Adivinhem! Ele é magro.

Sempre fui gordo, e viver 17 anos no mesmo corpo tornou-me especialista em ignorar os comentários. Não digo que me habituei. Ninguém se habitua a lembranças diárias de que és uma bola de demolição. Só me acostumei a fingir que não é nada comigo.

No ano passado, sem ninguém saber, comprei uma revista para adolescentes, dessas que vêm com pôster de boys bands. Gosto de boys bands (mais do que tenho coragem de admitir), mas o que me fez comprar a revista foi uma chamada no cantinho que dizia «Insegurança com o corpo? Não acredito, amigal!».

Segundo a revista, um adolescente acima do peso ideal, que queira ser moderno e ter amigos, precisa de compensar. Em suma, se fores muito engraçado, ou muito estiloso, ou muito simpático, ninguém vai notar que és gordo. Fiquei algum tempo a pensar nas minhas compensações. Não encontrei nenhuma.

Quero dizer, considero-me engraçado. As pessoas adoram-me na Internet (543 seguidores no Twitter, e continua a contar). Mas, quando se trata de conviver na vida real, sou um grande fracassado. Zero no teste de simpatia. E o meu estilo? Definiria o meu estilo assim: ténis, calças de ganga, t-shirt cinzenta razoavelmente limpa. É difícil ter roupas fixes quando vestes XXL.

Dei uma olhadela ao resto da revista, fiz o teste «Que celebridade seria a tua BFF?» (calhou-me a Taylor Swift) e depois deitei-a fora. Não queria guardar na gaveta uma prova de que não consigo compensar em nada.

Mas, hoje, tudo vai ser diferente. É o último dia antes das férias de verão e estou à espera deste momento desde que as aulas começaram. As férias do meio do ano duram 22 dias. Em termos gerais, significa quase um mês livre das piadas sobre gordos, das alcunhas e dos olhares descarados.

Salto da cama cedo, para não me atrasar e, quando chego à cozinha, a minha mãe já está acordada, a pintar um quadro. Há três anos, a minha mãe abandonou o emprego num escritório de contabilidade para se tornar artista plástica. Há três anos que a nossa cozinha não se parece com uma cozinha normal, porque há telas, tinta e argila por toda a parte.

— Bom dia, meu anjo — diz ela com um sorriso impossível para quem acordou antes das sete da manhã.

A minha mãe é linda. A sério. Tem uns olhos grandes, tipo desenho animado, um cabelo volumoso sempre preso no alto da cabeça e um corpo esguio e magro. Isto significa que, antes de se ir embora, quando descobriu que eu ia nascer, o meu pai fez questão de deixar o metabolismo de gordo na minha herança genética. Obrigadinho, pai.

— Bom dia. Tens tinta no queixo. Mas estás linda, mesmo assim — respondo apressadamente, enquanto como uma sandes de queijo e procuro as minhas chaves.

— Felipe, não sei se te avisei, mas hoje à tarde o...

— Atrasado. Até logo, adoro-te, tchau! — respondo, fechando a porta atrás de mim.

Na verdade, nunca estou atrasado, mas a ansiedade faz-me pensar que, quanto mais cedo chegar à escola, mais cedo me vou livrar dela. O que, infelizmente, não faz sentido.

Carrego no botão do elevador mais vezes do que seria necessário, ainda a acabar a sandes e, quando a porta se abre, lá está ele. O Caio, o vizinho do 57. Engulo em seco o naco de pão que ainda tenho na boca, passo a mão pelo queixo para garantir que não me ficou nenhuma migalha na cara e, só então, entro no elevador.

Sussurro um «bom dia» tão baixo que nem eu consigo ouvir. Ele não retribui. Está com phones e concentrado num livro. Pergunto-me se ele realmente ouve música enquanto lê, ou se é do tipo que põe phones para não ser interrompido. Se a resposta certa for a segunda opção, não censuro o Caio do 57 porque eu faço exatamente o mesmo.

O elevador leva cerca de 40 segundos para ir do terceiro andar, onde moro, até ao rés do chão. Parece que passaram 40 anos quando a porta se abre novamente. Continuo parado, sem saber o que

fazer e o Caio sai, sem sequer reparar que eu estou ali. Espero três minutos no corredor e, só então, saio do prédio.



O último dia de aulas arrasta-se. Só tinha de entregar um trabalho ao professor de História e fazer um teste de Filosofia. Ainda assim, quando termino o teste antes de toda a gente, já estou desesperado por me ir embora.

— Já acabaste, Pudim? — ouço alguém dizer, quando me levanto, confrangido, da carteira apertada.

A professora Dora recebe a minha folha de respostas e diz «Boas férias, Felipe», fitando-me. Parece um olhar de compaixão, como quem diz: «Eu sei que já não queres aturar os outros a implicarem contigo, mas aguenta-te firme. Tu és forte, e não há problema nenhum em ser gordo. Sei que é impróprio dizer-te isto, porque sou tua professora e tenho 56 anos, mas até és bem giro.»

Ou talvez eu não tenha assim tanto jeito para interpretar olhares de compaixão, e ela só tenha querido dizer «Boas férias, Felipe».

Quando chego ao corredor da escola, vejo alunas a despedirem-se umas das outras e (acreditem) a chorar. Como se as férias não durassem só 22 dias. Como se não morássemos todos numa cidade pequena, onde basta pôr a cabeça à janela para encontrar metade da escola a passear na rua. Como se não existisse *Internet*.

Se a minha vida fosse um musical, agora seria o momento em que cruzaria o portão da escola, a cantar uma música sobre liberdade, e as pessoas na rua dançariam em sincronia uma coreografia bem ensaiada. Mas a minha vida não é um musical. Quando passo pelo portão, ouço alguém a gritar «Pudiiiiim!», baixo a cabeça e continuo a andar.



A minha casa fica perto da escola. São 15 minutos a pé, e gosto de fazer esse trajeto todos os dias, para ter o que responder quando algum médico pergunta se pratico exercício físico regularmente.

O único problema é o suor. Depois dos meus evidentes problemas de autoestima e dos meus adoráveis colegas de turma, acho que o suor é a coisa que mais odeio na minha vida.

Chego a casa a derreter como um boneco de cera, e encontro a minha mãe no mesmo lugar onde estava quando saí. Só que, agora, ela tem mais manchas de tinta na roupa e o quadro está quase pronto. Hoje, ela pintou um monte de círculos azuis (a minha mãe tem andado numa fase azul, nos últimos meses) que, vistos de um certo ângulo, formam o desenho de dois golfinhos a beijarem-se. Acho eu.

Além da desordem de sempre, há panelas no fogão e a casa cheira a almoço. Almoço a sério, e não sobras de um yakisoba que pedimos por telefone, ontem à noite. A ideia de começar as férias com um almoço a sério deixa-me entusiasmado.

— Olá, meninos, como foi a escola? — pergunta ela, sem tirar os olhos do quadro que está a pintar.

— Da última vez que contei, só tinhas um filho, mãe.

— Ah, achei que chegariam juntos. Tu e o Caio do 57. — Ela vira-se e dá-me um beijo na testa.

Estou confuso, mas a minha mãe parece não perceber, porque não diz mais nada. Vou ao quarto, deixar a mochila, e apanho um susto quando encontro tudo arrumado. A minha mãe fez a cama de lavado, organizou as estantes e tirou as meias que estavam enroladas debaixo da cama.

— Mãe, o que é que fizeste ao meu quarto? Onde é que puseste as minhas meias? — grito.

— Na gaveta! Imagina a vergonha, o filho da vizinha chegar ao teu quarto e encontrar 11 pares de meias no chão! — grita ela, também.

Onze? Uau. Que número impressionante.

Corro de volta à cozinha, para não ter de continuar aos gritos.

— O que é que disseste sobre o filho da vizinha?

— Eu avisei-te, não avisei? Chega hoje. Vai ficar 15 dias. Os pais vão a uma conferência sobre pinguins. Ou a uma segunda lua-de-mel. Sei lá. A Sandra pediu-me para tomar conta dele, durante a viagem. Fiquei assustada, porque o miúdo já é grande. Mas não custa nada, pois não? Ele é bom rapaz.



Quanto mais a minha mãe fala, mais incrédulo fico.

— Não avisaste nada! Não posso receber visitas! Ainda para mais nas férias. Ainda para mais por 15 dias! Eu tenho *planos*!

— Internet e maratona de séries? Grandes planos, hein, Felipe. Ela conhece-me como ninguém.

— Mas... mas... ele não tem família? Não pode ficar sozinho? Tu e a mãe dele nem são amigas. Que tipo de mulher é esta que não confia no filho sozinho em casa, mas confia numa estranha?

— Claro que não somos *amiiiigas*. Trocamos cumprimentos no corredor, às vezes. Ela segura sempre a porta do elevador. E nós costumávamos conversar muito, enquanto tu e o Caio brincavam na piscina. Bons tempos. Mas isso não vem ao caso. Ajuda-me a arrumar a cozinha e a pôr a mesa para o almoço, porque o rapaz já deve estar a chegar!

Continuo parado. Incrédulo. Tenho a cara suada, aterrorizada e imóvel. Como um quadro que a minha mãe pintaria num dia mau.

«Calma, pá, é só o teu vizinho!», debes estar tu a pensar. Acho que chegou a altura de falar um pouco sobre o Caio, o Vizinho do 57.



O nosso condomínio tem uma área de lazer com um campo de ténis que ninguém usa (porque, sinceramente, quem é que joga *ténis*?), um parque infantil a cair aos bocados, e uma piscina, nem grande nem pequena, que está sempre cheia nos dias mais quentes.

Quando eu era pequeno, aquela piscina era o meu oceano particular. Passava horas a nadar de ponta a ponta e a recriar cenas de *A Pequena Sereia* na minha imaginação. E foi nesta piscina que conheci o Caio. Não me consigo lembrar exatamente do dia, nem como começámos a conversar. Éramos amigos da piscina, e não sei como era a minha infância, antes disso.

Se fores um menino gordo com 8 anos, ninguém te chama Pudim. As pessoas acham fofo, apertam-te a bochecha e deixam claro o tempo todo que têm vontade de te morder. Com carinho. É estranho, mas é carinhoso.

Eu não tinha vergonha de correr de um lado para o outro só em calções de banho, nem de saltar para dentro da piscina e atirar água para todo o lado, quando tinha 8 anos. Porque, quando tens 8 anos, está tudo bem. E foi assim que eu e o Caio nos tornámos amigos. Nós nunca estudámos juntos. O Caio estuda numa escola particular do outro lado da cidade. Mas, durante toda a minha infância, em todos os dias de sol, eu tinha a certeza de que era só descer à piscina e o Caio estaria lá, pronto para nadar comigo. Os dias de chuva eram os piores.

Nunca conversávamos. As crianças não conversam na piscina. Gritávamos, mergulhávamos e competíamos para ver quem ficava mais tempo debaixo de água. Não tínhamos tempo para conversar porque, a qualquer momento, a mãe do Caio podia pôr a cabeça fora da janela e chamá-lo, decretando o fim da brincadeira. A mãe dele sempre foi desse tipo. Do tipo que grita. No meio de todos esses dias de muita brincadeira e nenhuma conversa, houve um dia que nunca mais esqueci. Eu devia ter uns 11 anos e, depois de quase uma tarde inteira a brincar aos tubarões a atacar o navio pirata (eu era o navio, o Caio o tubarão), sugeri sem medo: «Queres brincar às sereias?».

Não havia mais nenhuma criança no condomínio que soubesse que eu adorava brincar às sereias. Era uma coisa só minha. Eu tinha medo do que os outros meninos pensariam de mim, se descobrissem que, quando eu mergulhava, na minha cabeça, eu era a Ariel. E, lá no fundo, eu guardava a minha coleção imaginária de garfos, espelhos e chaleiras.

O Caio apenas sorriu, cruzou as pernas como se fossem uma cauda e começou a mergulhar. Ele não quis saber como a brincadeira funcionava. Não disse que só brincaria se pudesse ser um «sereio». Ele apenas embarcou na minha fantasia tola e nadámos como sereias até começar a escurecer. Foi o melhor dia de todos.

Depois disso, as coisas passaram como um borrão. Fui crescendo. E a vergonha de ficar só em calções de banho, ao pé do Caio, aumentava. Eu nem entendia bem o que estava a sentir, mas sei que, com 12 anos, comecei a entrar na piscina sempre de t-shirt vestida. E, depois dos 13, nunca mais entrei na piscina.

Aos 13 anos, o meu corpo começou a mudar, os pelos começaram a crescer, e comecei a sentir vontade de beijar alguém na boca. E o Caio foi a primeira pessoa que eu quis beijar.

Estar apaixonado pelo Caio é ridículo de tão óbvio. Ele é inalcançável. É como estar apaixonado pelo vocalista da tua boys band favorita. Só podes ver de longe e sonhar.

Agora, entendes o meu desespero? Gordo, gay e apaixonado por um rapaz que nem responde ao meu «bom dia» no elevador. Isto tem tudo para dar errado. *Vai* dar errado. E não tenho tempo de pensar num plano de fuga de urgência, porque a campainha está a tocar. E a minha mãe está a abrir a porta. E eu, claro, estou todo suado.

Vai começar.

DIA 1

— **P**odes entrar, **podes entrar!** — diz a minha mãe, a puxar o Caio para dentro de casa, enquanto dá um jeitinho na franja dele.

Limites, mãe. Limites.

Eu esperava que ele viesse com a mãe e uma lista imensa de recomendações. Mas ele está aqui, sozinho.

— Os meus pais apanharam o avião para o Chile de manhã — explica ele à minha mãe.

Acho que eles já tiveram uns bons dois minutos de conversa, enquanto eu estou aqui parado, a observar. A fazer o possível para suar menos e parecer normal.

— Ajuda-o com a mala, filho! — diz a minha mãe, a estalar os dedos à frente da minha cara e trazendo-me de volta à realidade.

Uma realidade onde estou a levar para o meu quarto uma mala gigante de rodinhas com estampado de leopardo, e cheia de roupa do meu vizinho giro que, por sinal, vai passar os próximos 15 dias comigo. Respiro fundo enquanto deixo a mala ao canto. E, então, respiro fundo mais uma vez, só para garantir.

— Desculpa o exagero da mala. Coisas da minha mãe — diz o Caio, surgindo do nada à porta do meu quarto, e pregando-me um ligeiro susto, que eu tento disfarçar com um sorriso amarelo.

Não digo nada, porque não sei o que dizer. Quero mostrar que sou engraçado mas, das três piadas em que penso, duas exigem o conhecimento de episódios específicos de *Friends* e a outra, tenho quase a certeza, ofenderia a mãe do Caio.

— Meninos! Almoço! — brada a minha mãe, salvando-me desta situação confrangedora.

— Vou tomar um duche e já vou! — grito de volta, a correr para a casa de banho e deixando o Caio para trás.

Quando entro no chuveiro, consigo finalmente respirar de alívio. O duche relaxa-me e, aqui, sou capaz de pensar na situação com mais calma. Sei conversar com as pessoas, sou gentil, sou agradável (talvez). Ele é só uma visita.

É como se fosse a minha tia-avó Lourdes que vem cá todos os anos, no feriado do Dia de Finados. O marido dela foi enterrado aqui na cidade e, quando ela vem visitar a campa dele, aproveita sempre para ficar uma semana inteira aqui em casa. A tia Lourdes põe corau na comida e compõe-me as sobranceiras com saliva. O Caio não vai fazer nada disso (espero), logo, vai ser ainda mais fácil.

Quando saio do duche, estou mais tranquilo e certo de que vai ficar tudo bem. Foi apenas um dos milhares de momentos da minha vida em que fiz muito drama por nada. Já deveria estar habituado, nesta altura. Consigo quase rir-me de mim mesmo. Mas o riso não vem. E não vem porque percebo que não trouxe roupa lavada para a casa de banho. Tudo o que tenho aqui comigo é uma toalha e uma pilha de roupa suada.

Preciso de pensar depressa, porque não quero que o Caio ache que estou a demorar-me na casa de banho. Sabes o que significa um rapaz demorar-se na casa de banho. Pois é.

Encosto o ouvido à porta e consigo ouvir barulho de conversa na cozinha. A minha mãe está lá. O Caio está a almoçar. Acho

que consigo atravessar o corredor depressa, e chegar ao meu quarto sem ser visto. Enrolo-me na toalha, ponho a banda sonora da *Missão Impossível* a tocar na cabeça, e dou três passos largos até ao quarto.

E, quando abro a porta...

Eu.

Quero.

Morrer.

O Caio está lá, sentado com um livro na mão. Ele olha assustado para mim, tenta dizer alguma coisa, mas eu falo antes. Na verdade, grito.

— Sai do meu quarto! Agora, já!

Assustado, ele sai. Bato com a porta, rodo a chave na fechadura e, imediatamente, desato a chorar. Não é um choro barulhento e dramático, desses para encostar à parede e ir escorregando até ao chão. É uma lágrima só, que me vai escorrendo pela cara e me enche de vergonha. Vergonha porque estou molhado, sem roupa e enrolado numa toalha da *Guerra das Estrelas* que, por pouco, não consegue dar a volta inteira à minha cintura. Vergonha porque o Caio me viu assim. E eu gritei com ele. E este é só o primeiro dia.

Ouçõ a maçaneta girar, mas a porta está trancada.

— Felipe, está tudo bem? O que se passa? Vem comer! — diz a minha mãe, do outro lado da porta.

Pelo tom de voz, não consigo perceber se ela está preocupada ou zangada comigo. Talvez as duas coisas.

— Vou mais tarde. Não tenho fome — minto.

Abro o roupeiro para me vestir e faço o ritual de sempre. Por uns segundos, vejo-me ao espelho, sem nenhuma roupa, e reparo em cada coisa que me incomoda. Há dias em que gosto de observar as coisas pequenas, tipo, uma borbulha nova que nasceu, ou uma estria vermelha subindo pelo flanco da barriga. Noutros dias

prefiro analisar o contexto geral, virando-me de lado e imaginando como seria se eu fosse magro.

Hoje, não perco muito tempo ao espelho. Por mais que esteja trancado aqui, ter o Caio dentro de casa faz com que eu me sinta mais exposto. Visto uma t-shirt qualquer, que se vai ajustando desconfortavelmente ao meu corpo ainda molhado, e umas bermudas.

O orgulho não me deixa sair do quarto. Deito-me na cama, como meio pacote de bolachas que encontro na mochila, e fico a mexer no telemóvel, à espera que o tempo passe. Não quero ficar sozinho. Quero que a minha mãe venha conversar comigo. Quero que ela me dê bons conselhos e um prato de comida porque, a sério, meio pacote de bolachas? Quem é que quero enganar? Preciso de almoçar a sério!

Mas a minha mãe não vem.

Tinham passado duas horas quando decido ir de mansinho à cozinha. A minha mãe está a pintar um quadro novo e a casa está em silêncio.

— Tens um prato no micro-ondas — diz ela, assim que me vê chegar. Dá para perceber que está irritada.

Tento murmurar um «obrigado» e ela solta um suspiro longo, desses que vêm logo antes de um sermão.

— Felipe, filho, eu não sou parva. E sou tua mãe. Conheço-te e sei porque é que gritaste com o vizinho — diz ela baixinho, porque o Caio, provavelmente, está na sala. — Mas nunca gritaste com ninguém. Não é agora que vais começar. Eu sei que gostas de paz, de sossego, e de estar sozinho. Entendo tudo isso. Mas são só 15 dias, e preciso da tua ajuda. Já não és uma criança. Não te vou agarrar na mão e obrigar a pedir desculpa ao amiguinho. Mas vais acabar de comer, pôr um sorriso na cara, ir até à sala, e pedir desculpa ao Caio.

Reviro os olhos.

— E, só por causa dessa cara de troça, vais voltar aqui e lavar a louça do almoço — conclui ela, sorrindo de satisfação.



Estou parado no meio da sala, a torcer para um meteoro me acertar em cima e acabar com este constrangimento. Ou para um buraco se abrir no chão e me engolir de repente.

O Caio está sentado no sofá, a ler o mesmo livro que tinha com ele, hoje de manhã no elevador (*A Irmandade do Anel*, do Tolkien. Um dos meus favoritos, por sinal). Parece tudo tão fora do lugar. É meio absurdo vê-lo sentado no nosso sofá velho, de tecido floral, no meio desta sala cheia de obras de arte inacabadas da minha mãe, e uma fotografia na parede, que mostra o Felipe aos dez anos, vestido de indígena para uma peça da escola — que, além de confrangedora, é ofensiva.

A presença dele destaca-se no meio da desordem, como um extraterrestre no meio de uma pintura renascentista (e esta é, provavelmente, a pior comparação que vais ler hoje).

Ele, com certeza, reparou que estou aqui parado. É difícil não reparar numa pessoa do meu tamanho. Mas, mesmo assim, ele não olha para mim. Continua concentrado no livro, com a franja caindo ao de leve para cima do olho esquerdo. Sinto vontade de lhe morder a cara.

Queria sentar-me ali e ver em que parte do livro é que ele está. Perguntar o que acha da história, até agora. Quero saber se ele é do tipo que vê o filme e depois lê o livro ou lê o livro e depois vê o filme.

Pigarreio, exagerando um pouco no barulho, para que ele perceba que tenho algo a dizer.

— Desculpa pelo grito — digo.

Ele olha para mim, bem no fundo dos meus olhos, e não consigo dizer se está com raiva ou com pena. Não gosto de nenhuma das duas opções.

— Tudo bem — responde ele, seco.

O Caio baixa a cabeça e continua a leitura. Uau, que conversa. Bom trabalho, Felipe.



O jantar foi esquisito. Comemos na sala, a ver a repetição de um reality show sobre vestidos de noiva. Eu, a minha mãe e o Caio apertados no sofá pequeno, olhando sem pestanejar para uma noiva desesperada, porque faltam três dias para o casamento e o vestido não fecha. Eu jamais conseguiria emagrecer em três dias para caber num vestido, logo, como o jantar enviando pensamentos positivos para a noiva na televisão.

A minha mãe puxa assuntos triviais com o Caio e ele é insuportável de tão simpático. Os dois falam sobre a telenovela das nove, que a minha mãe não vê, mas ainda assim sabe tudo o que vai acontecer nos próximos capítulos. O Caio elogia a comida da minha mãe e, apesar de ser o mesmo arroz, feijão, bife, batata frita do almoço, os elogios soam sinceros.

— A sério, dona Rita! A sua comida tem um tempero incrível! De há uns tempos para cá, a minha mãe anda meio neurótica com a alimentação lá em casa. Já disse ao meu pai que ela está doida. Nem sal na comida ela põe — diz o Caio, intercalando as palavras com umas garfadas.

— Nem *sonhes* dizer à Sandra que comeste batatas fritas aqui em casa! Ela é capaz de nunca mais te deixar voltar — diz a minha mãe, cheia de risadinhas.

E, enquanto eles conversam como melhores amigos, eu fico na ponta do sofá, a ouvir. Ouço e nunca falo.

Sei que vai parecer ridículo, mas sinto tantos ciúmes. Ciúmes da minha mãe, porque o Caio mal chegou e já está aqui todo cheio de elogios ao tempero dela. E, para piorar, sinto ciúmes do Caio. Porque queria que ele conversasse comigo. Sobre a comida, sobre a mãe dele, sobre a telenovela, sobre qualquer coisa.

Quando o programa de vestidos de noiva termina (a noiva emagrece, o vestido fica lindo, toda a gente se emociona, fim), a minha mãe dá-me uma palmadinha nas costas, e sei que a palmadinha significa que a louça do jantar também é minha responsabilidade. Parece que ela ainda não parou de me castigar pelo dia de hoje.

Enquanto arrumo a cozinha, a minha mãe dá as boas noites ao Caio (cheia de risadinhas, claro) e eu tento não me passar quando reparo que, daqui a poucas horas, eu e ele estaremos deitados no mesmo quarto. A dormir a centímetros de distância. O nosso apartamento é pequeno, nunca tivemos quarto de hóspedes. Mas a minha cama é daquelas em que puxas uma alça e *tah-dah!*, há outra cama escondida por baixo. A minha mãe escolheu este modelo a pensar nos amigos que eu poderia trazer para dormirem cá. Não me consigo lembrar da última vez que esta cama extra tenha sido usada por alguém que não seja a minha tia-avó Lourdes.

Dividir o quarto com o Caio durante 15 dias pode resultar numa série imensa de desastres. No tempo que levei para lavar três pratos, consegui fazer uma lista com 54 desastres que posso causar, a dormir no mesmo quarto que ele. A maioria dos tópicos da lista é bem grotesca (peidos de madrugada), mas alguns são naturais e inevitáveis (ereção matinal).

Imaginar sempre o pior cenário possível é a minha especialidade, mas decido parar de pensar nisso quando dou comigo a criar

uma situação imaginária onde sou sonâmbulo (não sou) e levanto-me de madrugada para atacar o Caio. O que não seria nada mau.

Lavo os pratos, seco os pratos, seco novamente e guardo toda a louça no armário. Tento perder o máximo de tempo possível nesta função, para não ter de enfrentar a hora de dormir. Enxugo o suor da testa com um pano da louça (desculpa lá, mãe) e vou para a sala.

Não sei quanto tempo demorei a lavar a louça toda, mas foi tempo suficiente para o Caio vestir o pijama, arranjar uma almofada e deitar-se no sofá, apoiando os pés num cobertor dobrado. Por um segundo, perco a fala. Não é que eu fizesse tenções de dizer alguma coisa mas, ainda assim, fico sem reação. Na minha cabeça, tento organizar as seguintes informações:

- O Caio, provavelmente, vai dormir na sala.
- Porque ele tem uma almofada e um cobertor. Na sala.
- O Caio está de pijama.
- O Caio vai dormir na sala?
- Aparentemente, sim, pois ele está de pijama. Na sala.
- Uau. O Caio de pijama.
- Peidos de madrugada e ereções matinais: à vontade!
- Ainda assim, eu não queria que o Caio dormisse na sala.
- Queria-o ao meu lado.
- Principalmente naquele pijama.

Eu poderia falar durante duas horas sobre o tópico «O Caio de pijama». O pijama é azul-marinho e branco com decorações à marinheiro. A camisola tem riscas e gola em bico comprida. Os calções têm desenhos de âncoras e barquinhos. Mas não consigo reparar nas decorações por muito tempo porque, quando os calções acabam, começam as pernas. «As pernas do Caio» poderia ser tópico para mais duas horas. As coxas são grossas e um pouco

peludas, e a pele castanho-clara fica ainda mais brilhante debaixo do candeeiro da sala (que, na verdade, é um globo de papel que a minha mãe decidiu fazer, depois de ver um tutorial no YouTube).

Num determinado ângulo, o Caio parece o Aladino. E, um segundo antes de eu começar a imaginar-nos, aos dois, a sobrevoar o mundo inteiro num tapete mágico, ele pigarreia, fazendo mais barulho do que deveria, e olha para mim. Não sei há quanto tempo estou aqui parado, a olhar para ele e a passar vergonha por causa de um par de coxas.

— Vou dormir na sala — diz o Caio, com um tom de voz explicadinho de mais, como se eu tivesse de ser um Sherlock Holmes para deduzir isso.

Penso em insistir para que ele durma no quarto. Penso dizer que o sofá é duro e dá dores de costas (o que é verdade). Mas quem é que eu quero enganar? Claro que ele não vai concordar. Não, depois de me ver nu, molhado, enrolado na toalha e a gritar «SAI DO MEU QUARTO!» feito louco.

Ofereço água, chá, uma almofada extra. Ele não aceita nada. Quando o Caio volta a dar atenção ao livro, percebo que é melhor ir-me embora. Entro no meu quarto e bato com a porta, fazendo um barulho baixo o suficiente para não acordar a minha mãe, e alto o suficiente para parecer dramático.

Geralmente durmo de calções e uma t-shirt velha mas, hoje, decido dormir de pijama. Tiro o meu pijama da gaveta. Não é um traje de marinheiro sensual. É bege, grande e horroroso. Quando me vejo ao espelho, pareço uma página do *Livro do Guinness* a mostrar o recorde de maior bolacha Maisena do mundo.

Eu sou uma vergonha.

Atiro-me para cima da cama e fico a ver vídeos de gatinhos na Internet até o sono chegar.



QUANDO O TEU CRUSH PLATÓNICO VAI PASSAR **QUINZE DIAS** A DORMIR NO TEU QUARTO...

O Felipe é gordo. Ele não é «cheiinho» ou «fofinho». É gordo e não precisa que ninguém o lembre disso, coisa que os seus colegas adoram fazer. É por isso que ele mal pode esperar pelas férias: 15 dias longe do bullying.

Mas os seus planos de sossego vão ao ar, quando descobre que o seu vizinho Caio, misterioso e lindo de morrer, vai passar as férias lá em casa.

Seguem-se as duas semanas mais intensas e inesquecíveis de sempre, entre conversas estranhas, sentimentos fortes, crises de nervos, grandes epifanias, novas experiências e um sem-fim de descobertas.

PORQUE, ÀS VEZES, **QUINZE DIAS** SÃO PARA SEMPRE.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.instagram.com/seekthebutterfly.pt)
[secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)
[#seekthebutterfly](https://www.instagram.com/seekthebutterfly)

ISBN 9789897872204



9 789897 872204 >

